

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - ESCOLA DE GESTORES

**INDISCIPLINA: EM BUSCA DE SUSTENTAÇÃO NA
BASE DE INSTITUIÇÕES ALIADAS**

Aluna: Maria Lúcia de Rezende da Paixão

Orientadora: Taís Moura Tavares

Curitiba, fevereiro de 2010.

INDISCIPLINA: EM BUSCA DE SUSTENTAÇÃO NA BASE DE INSTITUIÇÕES ALIADAS

MARIA LÚCIA DE REZENDE DA PAIXÃO

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz a abordagem da indisciplina na escola onde o problema requer medidas para o enfrentamento da situação degradante escolar. Para tal, faz-se necessário buscar aliados no processo, onde várias instituições devem estar aliadas em prol do mesmo objetivo.

A importância deste trabalho está na reflexão sobre as causas da indisciplina e na conscientização de que não se deve enfrentar sozinho o problema, que não é da escola apenas e sim da sociedade como um todo. Por se tratar de um tema demasiado vasto, foram tratadas apenas algumas vertentes e de breve passagem, mas todas essenciais para a construção da pesquisa.

A justificativa da pesquisa está ligada à observação participante da escola na qual atuo, e de como o problema da indisciplina tem sido emergente aos gestores escolares, que muitas vezes não sabem o que fazer diante deste quadro que tem proporções mundiais. Buscar aliados no enfrentamento da indisciplina e refletir bem como conscientizar para que as ações não sejam individuais e sim coletivas é o objetivo deste trabalho.

A indisciplina é um fator que a cada dia tem aumentado de proporção. Sendo decorrente do meio, Escola, Família, Órgãos governamentais, Igreja, etc., todos necessitam articular-se para construir uma relação equilibrada entre o indivíduo e o meio em que vive, onde reconheça e exerça seus direitos e deveres.

Colocar em prática os estudos realizados é o grande desafio, tanto por nós que o construímos, quanto aos leitores que poderão se utilizar do texto para reverter este quadro tão polemico e adverso que a sociedade produz

e paga duras penas.

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITUANDO DISCIPLINA/INDISCIPLINA

Para falar em indisciplina, primeiramente faz-se necessário conceituar a palavra a que precede: disciplina. A origem da palavra disciplina deriva do latim *discere* e significa aprender, discípulo. Segundo Mendes *apud* Marcomini (2001), “o conceito de disciplina decorre de uma determinada concepção de criança, de adulto e de relações adulto-criança. Em síntese, decorre da concepção de Homem, de Sociedade e de Saber que se assume” (p. 4). Sua função está imersa num sentido social, pois a disciplina é fundamental para vivermos em sociedade. Na escola sua prática é fundamental para que alcance seus objetivos de ensinar e de se aprender.

Para Magalhães (1989, p.40), a “indisciplina não se define por si, a mesma surge como a negação de qualquer coisa, seja essa coisa norma ou padrão socialmente aceito ou regra arbitrariamente imposta”.

O fato do indivíduo opor-se às normas sociais que estão presentes em seu cotidiano, pode causar diminuição da qualidade de uma determinada atividade em desenvolvimento, como ocorre no ensino e aprendizagem, é a rejeição ou a não concordância com o método ou conteúdos de ensino do professor, que resulta em indisciplina.

Freire (1989, p.12), alega que disciplina envolve autodisciplina, pois não há indisciplina que não gere ao mesmo tempo o movimento de dentro para fora, assim como não há uma disciplina verdadeira se não há capacidade. O autor explica que é preciso se disciplinar para alcançar a disciplina e que a autoridade é fundamental para alcançá-la.

A perda de autoridade do professor que outrora era imposta e hoje é consentida não lhe fez perder a força na ação pedagógica, pois ainda é ele o agente que controla os preâmbulos escolares e esse é apenas um dos

entraves da escola, já que são muitos os fatores que determinam o fracasso escolar.

Tomemos o caso específico da indisciplina pra examinar os argumentos que sustentam as hipóteses de suas causas. Entre elas está a falta de respeito do aluno pelo professor. Antigamente era impensável um aluno levantar a voz para o professor e hoje há quem levante armas. O contexto em que cada época viveu precisa ser retomado a fim de ser compreendido. Aquino (1996), explica que é muito comum nos reportarmos à escola de nossa infância com reverência, admiração, nostalgia. Ora, na verdade, essa escola anterior aos anos 70 era uma escola para poucos, de uma parcela elitizada, reduzida da população. A exclusão era um processo que já estava lá, nessa escola de antigamente, hoje tão idealizada.

Hoje, a grande maioria das crianças está matriculada na escola, seja por motivo de obrigatoriedade ou por outra razão, fazer com que permaneçam e progridam quantitativamente e qualitativamente nos estudos é o desafio da escola de hoje.

Aquino (1996, p.44), prossegue a afirmar que tais escolas eram militares ou religiosas, e algumas poucas leigas, que atendiam uma parcela muito reduzida da população. "Perguntemo-nos, por exemplo, se ambos nossos pais tiveram escolaridade completa de oito anos. Lembremo-nos então de nossos avós, se eles sequer chegaram a frequentar escolas!" (*ibidem*). Quanto mais recuarmos no tempo, mais veremos como escola sempre foi um artigo precioso, difícil de encontrar no varejo social.

A concepção foucaultiana de poder revela que existem poderes no plural, ou seja, espalhados por toda a estrutura social através de um conjunto de mecanismos do qual ninguém pode fugir. Por ser múltiplo, as resistências a ele também são múltiplas, sua ação nem sempre acontecem de modo violento, seu aspecto positivo está em que "quando ele é assumido através de práticas que procuram aumentar a eficácia [...] vai aumentar a capacidade econômica, porém com a diminuição da força política" (MESQUITA, 1997, p.19).

Com estas considerações podemos entender que a disciplina ao mesmo tempo em que favorece determinados aspectos, também serve para domesticar o indivíduo, sendo a questão complexa devendo ser analisada por parte e no contexto sócio-político e histórico em que está situada.

A cultura do indivíduo traz a ele possibilidades distintas de interação e internalização social, sendo assim, tanto a disciplina como a indisciplina são apreendidas, e nesse contexto a família ganha destaque, já que os valores que são passados a seus descendentes irão influenciar em suas condutas.

2.2 O QUE PRODUZ A INDISCIPLINA NA SOCIEDADE NA ESCOLA E NA SALA DE AULA

Segundo Costa e Silva (1997, p.66), em levantamento realizado em escolas de 1º, 2º e Ensino Superior, as causas para a indisciplina remetem a vários fatores de crise de projetos sociais, tanto o macro como o microsociais tem mostrado ineficientes em promover ações que levem o indivíduo a encontrar liberdade na disciplina e não ao contrário.

No levantamento é possível encontrar:

a falta de participação; excesso de liberdade na escola; falta de compreensão dos educadores; falta de moral dos professores; expulsão de aluno da sala de aula; falta de diálogo aluno x professor; falta de domínio do conteúdo por parte do professor; aulas chatas; sala numerosa; agressividade vivida no dia-a-dia da sociedade; problemas psicológicos causados pela família; família que não educa direito; ensino que dá preguiça de pensar; necessidade de aparecer do aluno; falta de entendimento do assunto; revolta do aluno; excesso de permissividade; má formação dos professores; uso de medidas arbitrárias; falta de relação teoria e prática; confusão entre disciplina e submissão; descompromisso com o processo educativo da escola; falta de respeito aos direitos do aluno; alienação produzida pelos meios de comunicação e social; confusão entre ordem e autoridade, desrespeito dos políticos para com o povo; imunidade para as classes sociais mais elevadas; situação de desemprego gerando vandalismo social; desajuste familiar; desigualdades sociais; violência, preconceitos; agressividade e rebeldia na adolescência; estrutura social injusta e revoltante; caos social; excesso de individualismo; exacerbação da autoridade dos adultos; falta de oportunidade para opinar; crise de autoridade. (COSTA; SILVA, 1997, p.66).

Destes dados obtidos é possível reconhecer todos os agentes sociais envolvidos, bem como os conflitos vividos na escola e na sala de aluna,

envolvendo as relações entre escola/ aluno; professor/aluno; conhecimento /conteúdo; situações familiares, políticas, econômicas, enfim as causas são bastante amplas, o tratamento necessário deve ser visto a parte para assim perceber a estreita relação que transcende o espaço escolar, pois os alunos vêm de uma sociedade e já trazem uma bagagem que irá implicar em várias situações no contexto escolar, as crises sociais, ética, econômica, política social, de motivação, todas elas influenciam o cenário escolar.

Conforme afirma Vasconcellos *apud* Costa e Silva (1997) há cinco grades níveis: sociedade, família, escola, professor e aluno, porém analisemos apenas algumas desses níveis, com a consciência de que não representam maior importância que as outras, mas apenas uma delimitação necessária à estrutura do trabalho.

2.3 A INFERENCIA FAMILIAR

No enfoque dado ao contexto familiar, Moreno e Cubero *apud* Rego (1996, p.97), apontam para três estilos de pais. Os “pais autoritários”, que são aqueles pouco comunicativos e muito rígidos, exigentes na regras impostas e nas normas de conduta, onde as crianças devem cumpri-las sem questionar. Utilizam-se ainda de ameaças, castigos físicos e retiram coisas que as crianças gostam como medidas disciplinares.

Os “pais permissivos” são o contrário, constroem sua relação no diálogo, são afetivos, escutam a opinião das crianças, porém não conseguem atribuir limites à conduta delas, e sem regras as crianças fazem o que querem, não tendo responsabilidade, sendo tão prejudicial quanto à autoritária.

E por fim temos os “pais democráticos”, que demonstram conseguir um equilíbrio maior entre as necessidades de “controlar e dirigir as ações infantis, de exigir seu amadurecimento e independência, e o respeito às necessidades, capacidades e sentimentos de seus filhos” (REGO, 1996, p.97).

A inferência familiar retrata o comportamento do filho/aluno, quão mais equilibrada for a relação, melhor apresenta o desempenho do filho/aluno. Também na escola “uma relação entre professor e alunos baseada

no controle excessivo, na ameaça e na punição, ou na tolerância permissiva e espontaneísta, também provocará reações e uma dinâmica bastante diferente daquela inspirada em princípios democráticos” (REGO 1996, p.98).

Segundo Lopes (2009), “é uma mistificação pensar que os problemas de indisciplina nas escolas se devem à pobreza. O que se passa é bem diferente: instalou-se na sociedade portuguesa a ideia de que a democracia dá-nos, a todos, direitos e todos se sentem na obrigação de reclamar direitos sem a contrapartida e a reciprocidade dos deveres”.

✓ O autor (ibidem) coloca que as crianças estão crescendo sem ouvir a palavra “não”, inclusive as da classe média e alta, e tal permissividade gera problemas comportamentais que geralmente explodem na escola, onde a disciplina é algo fundamental para o seu bom funcionamento. Habitadas a ter tudo, são educadas no consumismo de bens materiais e de programas televisivos, net, videogames, etc.

A falta de preparo para receber um não da vida faz com que se revoltem quando diante de algo que lhes exija cumprimento de deveres, pois eles existem e são cobrados pela sociedade mesmo que os pais não tenham preparados seus filhos para cumpri-los.

✓ Lopes (2009) explica que quando chegam à escola, muitas crianças e adolescentes julgam que tudo lhes é permitido e nada lhes pode ser proibido. A educação, numa boa parte das famílias, tem sido hedonista e irresponsável, guiada apenas pela satisfação e prazer da criança, sem nunca se lhe exigir responsabilidades e contas pela sua liberdade. E conclui que isto nada tem a ver com a pobreza, mas com uma certa atitude perante a vida e a sociedade.

✗ O medo de perder o afeto dos filhos faz com que muitos pais cedam na educação que era de sua responsabilidade. Outro fator agravante é a instabilidade conjugal dos pais, as famílias “mosaicas” estão por toda a parte e essa relação é conflituosa para a criança, que por vezes não consegue aceitar e até mesmo entender as novas relações amorosas dos pais. Frágeis e vulneráveis, os pais em desarranjo familiar tendem a perder o controle do

equilíbrio saudável na educação do filho, ora tendendo para o autoritarismo, ora para a permissividade.

✓ Gikovate (2001, p.46), afirma que os pais tem sido “incompetentes no exercício seríssimo mister [...] aqueles que vierem a levar mais a sério a tarefa de educar tenderão a se afastar dos padrões atuais, buscarão uma solução intermediária entre a postura repressiva tradicional e a permissividade covarde dos nossos dias”.

✓ Tal crítica é bastante pertinente, pois vemos a escola fazer o papel dos pais e muitas vezes pela educação que é obrigada a suprir, a tarefa de ensinar fica secundário, levando o sucateamento do ensino. A rebeldia de crianças e jovens traz muitas vezes os traços desta conduta familiar arraigada em nossa sociedade moderna.

× Espera-se que as crianças sintam prazer em se tornar cada vez mais independentes devido ao equilíbrio emocional, afetivo e a segurança que sente em relação ao amparo familiar e desta forma que a escola possa se imbuir de seu verdadeiro ofício de ensinar.

Os condicionantes políticos sociais remetem aos interesses dos grupos dentro da escola, quase sempre com interesses contraditórios devido à diversidade encontrada. Superar os conflitos disciplinares e buscar interesses em comum para que os objetivos coletivos sejam alcançados é tarefa de todos os envolvidos na escola.

A participação ideológica está impregnada na escola, por ela se entende: “a todas as concepções e crenças sedimentadas historicamente na personalidade de cada pessoa e que movem suas práticas e comportamentos no relacionamento com os outros” (PARO 2003, p.47).

Assim, Paro, não coloca como deve ser a participação mais eficaz por parte da comunidade, dos pais no interior das escolas, já que não se trata de uma bula, um modelo a seguir, já que cada uma tem suas próprias características históricas e culturais. Cada comunidade tem seu próprio meio de resolver os problemas.

O que é necessário em todas as escolas é a presença da comunidade, pois defende o direito de cidadão, deste modo ocorre: “[...]”

fiscalizando a ação da escola e colaborando com ela na pressão junto aos órgãos superiores do Estado para que este ofereça condições objetivas possibilitadoras da realização de um ensino de boa qualidade” (PARO 2003, p. 53).

Ensino de boa qualidade só pode ser conquistado num ambiente favorável, a disciplina é algo fundamental, porém não deve ser entendida como um processo domesticador, e sim problematizador, pois quanto mais o aluno tiver condição de pensar criticamente, mais conflituosa será, mas num enfoque positivo, benéfico de equilíbrio e desequilíbrio através da construção do conhecimento. Desta forma a família tem muito a colaborar, ela precisa ser suporte, onde o aluno/filho se sinta seguro para articular seus interesses e confrontar sua construção de saber sem se sentir coagido ao silêncio “pacificador”.

O medo é bastante visível nas famílias empobrecidas, por medo da marginalidade fazem imperar o autoritarismo, a violência, os castigos, como forma de proteção ao filho. Fazer o caminho inverso requer mudança de pensamento e atitude, reconhecer que cada membro da família é um ser único e merece respeito, amor, ser ouvido enquanto sujeito ativo e não passivo diante dos acontecimentos.

Esta é uma busca da práxis libertadora, que tem como pano de fundo o diálogo, não o que objetiva convencer, e sim o que se define com as palavras da autora: “Dialogar com uma criança e um adolescente não significa abdicar da autoridade: significa instaurar um pensar crítico; mostrar sensibilidade e abertura para compreender o outro; ter confiança na sua capacidade de compreensão; estar disponível para criar novas soluções” (SZIMANSKY, 2006, p. 89).

Estas considerações aliadas aos fundamentos éticos da educação e a transmitir o conhecimento e a interpretação do mundo, não significam ausência de conflitos, pois eles estão presentes na dialética entre o vivido e o pensado, pois Szimansky (2006), conclui que é na superação que se constrói um novo saber.

E assim em constante parceria entre escola e família o

aluno/filho só tem a ganhar, pois a interação favorece seu desenvolvimento, e ajuda a encontrar equilíbrio na disciplina criando um novo instrumento educacional, ponto de apoio á criança. Quando a comunicação é constante, uma parceria democrática tende a se firmar, onde todos são participantes e co-responsáveis pelo desenvolvimento social do aluno.

Finalizando, as políticas públicas e, em especial as educacionais, precisam ser implementadas e voltadas para a gestão democrática e participativa como intenção de obter a educação ideal para o exercício da cidadania, pois partindo desse ponto, se assim for as tomadas de decisões sobre as questões educacionais não estariam sendo pautadas e elaboradas somente através das decisões do Estado, mas também através da contribuição de toda sociedade, a começar pela família, para enfim alcançarmos qualidade no ensino e na aprendizagem.

2.4 O PAPEL DOS PROFESSORES E DA ESCOLA

O professor detém o papel principal na educação escolar, são eles que ficam com a missão de cativar e ensinar os alunos, proporcionando a eles um desenvolvimento cognitivo de aprendizagem e de convivência saudável grupal. Formar, informar, cativar, são atributos indispensáveis na conduta do professor.

As variáveis envolvidas no processo de ensinar revelam a postura do profissional, que por vezes demonstra sucesso diante de uma turma e fracasso em outra, o modo com que gesticula, escreve no quadro, a metodologia que aplica aos conteúdos, seu senso de humor, tudo isso fica impregnado na relação que constrói com seus alunos.

A coerência entre o agir e o falar precisam estar perfeitamente alinhados para que o professor não caia em descrédito diante dos alunos e da sociedade. A pessoa do professor precisa ser autêntica em qualquer ambiente, e isso requer um preço, ser honesto consigo mesmo e não cair em contradição e para isso é preciso ser audacioso, corajoso diante das situações, e acima de tudo apaixonado pelo ofício de ensinar.

O professor precisa ser firme e ao mesmo tempo tolerante e nisso não há contradição, segundo Gikovate (2001, p.52), "a tolerância envolve essa mesma faceta, qual seja: a de sabermos observar e encontrar o que existe de importante e de sabermos observar e encontrar o que existe de importante e útil nos atos espontâneos dos alunos".

Continuo a afirmar que é preciso ser firme quando o ambiente se desvirtua, e que a arte de saber quando tolerar e quando trazer os alunos para o tema que está sendo estudado é algo que o professor desenvolve com o tempo que lhe traz este discernimento, não é preciso que o professor seja permissivo para ser querido, aceito pelo aluno, "o professor não precisa fazer nada em nome de sua própria glória: ela sempre será indireta, decorrente do sucesso de seus alunos" (GIKOVATE, 2001, p.53).

A disciplina dos alunos muitas vezes é considerada um manejo de classe. Esta afirmação muitas vezes é injusta, pois existem muitos preâmbulos na temática da indisciplina. Pois como explicar que o mesmo professor alcança êxito em determinada sala e em outra não consegue estabelecer uma relação sustentável para o ensino?

Grande parte dos professores sejam eles recém-formados ou de longa experiência consideram a manutenção da disciplina vital para ensinar. Nos cursos de formação docente esta questão parece ser ignorada, não há um apoio efetivo para o enfrentamento do problema.

O conhecimento que o professor traz a sala de aula, se não tiver bem fundamentado na práxis pedagógica também será um motivo de conflito, é preciso haver problematização nas situações para que os alunos se sintam instigados em aprender, sabendo a real necessidade deste ou aquele conceito ser interiorizado.

As forças que fundamentam a ação docente reflete o salário que este recebe, muitos dos professores são movidos pela condição monetária em sua prática. Por sua vez, o aluno também mantém a mesma postura, em busca da nota, da "recompensa". Em ambos os casos a educação é prejudicada pela perda de seu caráter emancipador.

Da mesma forma que o professor é submetido às regras da

escola, ele internaliza estas normas e exerce o controle pedagógico em sala de aula, no controle da participação e comportamento (cadernetas) no poder de aprovar ou reprovar, na busca de submissão dos alunos ao seu poder.

Freuri (1994, p.44), menciona que “a relação entre professor e aluno em nossas escolas tende, assim, a se degradar na rotina em que um fala para obter salário e o outro escuta e repete para obter o diploma; os problemas da realidade em que vivemos acabam no esquecimento...”.

O autor (*ibidem*) defende que o trabalho do professor não pode se reduzir a um simples cumprimento do papel repressivo e alienante que a instituição atribui, faz-se preciso buscar uma comunicação ativa em todos os segmentos que vinculam-se á educação no enfrentamento da indisciplina na relação de professor e aluno.

A escola tem quase sempre a conduta de punir através da suspensão, o que segundo Werneck é uma conduta negativa ao colocar:

“[...] parece-me que a “suspensão” está fora de época, não educa, apenas transfere o problema, aguardando de modo behaviorista que a penalidade corrija o “infrator”. Isso, de fato, não ocorre, porque a correlação de forças é outra em nossa sociedade. Pergunta-se, ainda: o castigo é para o aluno ou para sua família? Outra questão: não deveria a escola responsabilizar-se pela reeducação desse educando?” (WERNECK, 2005, p. 63).

À medida que a escola toma diante das atitudes indisciplinadas, seja no ato de perturbar o professor, e ou / colegas e o bom andamento da escola, e até em atitudes mais violentas, como frequentemente vem ocorrendo, necessita de meios educacionais para buscar solução, como: “orientação educacional, psicólogo, entrevista com setores encarregados da convivência escolar, chamada dos pais à escola para entrevista, usando os tempos destinados às aulas para que se proceda à reeducação. (WERNECK, 2005, p. 64).

Escola e família têm esta árdua tarefa, desde muito pequenas as crianças devem ser orientadas sobre o que é certo e o que é errado, o autor alerta que quando faz birra, uma criança pode ser engraçada; quando, todavia, a partir de quatro anos começa a chutar pessoas, convém perguntar:

quem precisa de tratamento, a criança ou a família dela? O mesmo ocorre em relação à sala de aula: quem precisa mudar o aluno ou o professor?

Com esta indagação de Werneck aprofundemos o estudo na busca do equilíbrio entre relações educacionais e também familiares, para abordar um tema que tem crescido dia-a-dia e assustado a sociedade: a violência escolar.

✓ Freire menciona que "o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca." (FREIRE, 1996, p.73).

✓ A relação entre professor/aluno precisa estar pautada no diálogo construtivo, onde o conteúdo seja estruturante, haja relação com a vida, a práxis pedagógica deve favorecer o entendimento entre professor/aluno para então haver equilíbrio na relação.

2.5 VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA

✂ As causas da violência e indisciplina são colocadas por Aquino (1998), no meio educacional, as duas parecem responsáveis pelo raciocínio daqueles que se dispõem a problematizar os efeitos de violência simbólica ou concreta verificados no cotidiano escolar contemporâneo: uma de cunho nitidamente sociologizante, e outra de matiz mais clínico - psicologizante. "Sociologizante, nas coordenadas políticas, econômicas e culturais ditadas pelos tempos históricos atuais; já na perspectiva clínico-psicologizante, na estruturação psíquica prévia dos personagens envolvidos em determinado evento conflitivo" (AQUINO, 1998, p.01).

Sejam elas de um cunho ou outro e até mesmo de ambos, a violência na escola tem crescido significativamente, causando pavor dos professores, que se sentem ameaçados na ocorrência de algum conflito. Há localidades em que não se consegue professor para trabalhar, os noticiários

relatam casos de perseguição de professores apanhando nos corredores, ameaçados de morte, este quadro não é restrito a grandes centros, também no interior a violência se faz realidade. Basta um conflito e ela pode ser desencadeada.

✕ Violência no sentido etimológico (MICHAUD 1989, p. 8) do termo remete: 'Violência' vem do latim '*violentia*', que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo '*violare*' significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a '*vis*' que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa.

A escola é um dos segmentos sociais, e estando inserido nele acaba manifestando em suas relações a soma dos efeitos sociais. Ela não é mera reprodutora de forças externas, sempre algo novo é tecido em seu meio, Aquino (1998), diz que: "Em suma, vale afirmar que é mais um entrelaçamento, uma interpenetração de âmbitos, entre as diferentes instituições que define a malha de relações sociais do que uma suposta matriz social e suprainstitucional, que a todos submeteria".

Este fato não nega que ela também é responsável por novas situações que geram violência e indisciplina. As forças que são desempenhadas na escola demonstram-se antagônicas, o professor entende que o seu trabalho deve ser um ambiente de ordem, mas a própria atividade docente não favorece equilíbrio, pois as diversidades que compõem a sala de aula impedem a tranquilidade neste ambiente, vejamos o que o autor esclarece:

Ao mesmo tempo que a ordem é necessária, o professor desempenha um papel violento e ambíguo, pois se, de um lado, ele tem a função de estabelecer os limites da realidade, das obrigações e das normas, de outro, ele desencadeia novos dispositivos para que o aluno, ao se diferenciar dele, tenha autonomia sobre o seu próprio aprendizado e sobre sua própria vida (AQUINO, 1987).

✓ Sendo assim, a indisciplina parece ser causada pela soma de diversas razões distribuídas igualmente entre a escola, família, desigualdade social, aluno e professor e destas relações tanto sociais quanto psicológicas os fatores da indisciplina e da violência são desencadeados, trazendo um desequilíbrio prejudicial ao ensino.

A análise dos fenômenos escolares precisam estar vinculadas à sociedade, como afirma Guimarães (1996, p. 77), quando diz que sobre a díade violência/indisciplina escolar bastante congruente com a nossa, no que se refere: "A instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflitos, advindas do plano macroestrutural. É importante argumentar que, apesar dos mecanismos de reprodução social e cultural, as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina".

O olhar da autora sobre a violência na escola é bastante desafiador, tomar a parcela de responsabilidade, e não apenas jogá-la em outro setor social, mas saber que há algo para se fazer no ambiente em que somos responsáveis. Não está desvinculado, hoje, a comunicação a interdependência é algo real que se voltado para um fim comum pode-se alcançar resultados, mas se desvinculado, perde força, minimiza, cai no descrédito, como ouvimos falar: "a família está falida"; a "escola está sucateada", o "Estado é corrupto", "a igreja é mercenária"; "a justiça é realmente cega, parálitica, surda e muda".

Diante destas críticas tão constantes na sociedade, percebe-se que não é uma instituição a responsável pelo caos social, mas todas enquanto agem isoladamente. A violência é o reflexo desta ação fragmentada que leva o homem ao individualismo inconsequente, causando injustiça, dor, violência por onde passa. Tomemos o todo, e vejamos como questões como a indisciplina e a violência são parte no nosso dia-a-dia, não dá para fingir que não temos nada com isso, somos parte deste todo fragmentado, então tomamos nossa parcela de culpa pelo isolamento que nos encontramos: "a vida passa a ser controlada no mínimos gestos e o indivíduo passa a ser manipulado pelas instituições, pois cada um se torna um espectador passivo de seu próprio destino"

(GUIMARÃES, 1998, p.75).

A institucionalização isolada limita a ordem do grupo e ganha força burocratizante, inibindo a ação coletiva, sujeitando aos caprichos de cada instituição. , Guimarães (1998), explica que esta prática constitui-se como um eficaz instrumento de dominação ocultando o que é transparente, concreto, e elevando o índice de violência cotidiana. Quando se toma consciência deste poder coercitivo do Estado, o indivíduo é levado a levar na ironia, na piada, no sarcasmo, e as ações necessárias para a transformação, acabam se concretizando em “piada” que de graça não tem nada, revelando mais uma atitude isolada e não ganhando força de transformação tão necessária social.

Isso não quer dizer que deve haver uma homogeneização das instituições, “ a homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade”. (GUIMARÃES, 1998, p.78). Com isso não se alcança equilíbrio de relações, é na diversidade que ganhamos força, não sendo necessário o enquadramento para alcançar democratização, justiça, paz.

O ensino é uma atividade conflitante, a classe é o lugar onde se tece uma complexa rede de relações, e o professor precisa ver nesta teia uma oportunidade de aprendizado, cada pessoa traz consigo o contexto histórico que carrega, desta forma são necessárias ações diferenciadas para tratar, no coletivo, a individualidade de cada aluno, e que a aceitabilidade do ensino não seja imposta, mas internalizada pelo sujeito que se sente parte do processo do conhecimento.

Administrar a indisciplina não significa fazer reinar a paz “mas que alunos e professores, por força das circunstâncias, serão obrigados a se ajustar e a formular regras em comum – os limites de fechamento e de tolerância” e continua “ portanto nem o autoritarismo e nem o abandono” (GUIMARÃES, 1998, p. 79).

Indisciplina desta forma não é vista como apenas uma agressão, violência, raiva, mas pode ser de outra forma uma resistência a homogeneização, saber qual delas está sendo externalizada pelo aluno e

entrevista e outros), do tempo previsto, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamento dos dados, enfim, de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa (BELLO, 2004, s/p.).

A presente pesquisa contará com o método de abordagem qualitativo. Gil (2002) esclarece a respeito desta abordagem qualitativa, neste tipo de pesquisa o investigador vai utilizar de várias fontes sobre o mesmo assunto, por meio desta pesquisa que o pesquisador se propõe a participar, compreender e interpretar as informações coletadas.

Desta forma, a pesquisa qualitativa tem mais liberdade teórico-metodológica para encontrar suas respostas, e neste foco da classe, esta é a pesquisa mais indicada para ajudar a resolver a questão.

O objetivo desta pesquisa é focar a importância da discussão sobre a indisciplina, buscando suas causas, e seus percalços no referencial teórico e na pesquisa de campo semi-estruturada, sendo assim, foi desenvolvida com o enfoque exploratório, já que este método tem por finalidade:

[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou descobertas de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002, p. 41).

Neste âmbito em questão utilizamos a pesquisa bibliográfica e de estudo de campo. O primeiro devido que “é desenvolvida com base material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” Fachin (2001, p. 125), enfatiza que a pesquisa bibliográfica é o conjunto de conhecimentos humanos reunidos nos livros, na qual leva o leitor a determinado conceito, a produção, utilização das informações coletadas para o desempenho da pesquisa. Por isso, a pesquisa bibliográfica é “a base para as demais pesquisas e pode-se dizer que é uma constante na vida de quem se propõe estudar”.

Também contará com o Estudo de Campo que “constitui o modelo clássico de investigação no campo da Antropologia, onde se originou” (GIL, 2002, p.53) O autor continua a explicar que nele o pesquisador realiza a maior parte direta com a situação de estudo, o que justifica esta abordagem nesta pesquisa.

Foram selecionados quatro representantes da sociedade sendo: Conselho Tutelar; Coordenador pedagógico; Professor e Policial, da cidade de Siqueira Campos PR.

O método é o conjunto de processos empregados em uma investigação. Assim sendo, Carvalho (2001, p. 99), salienta que os métodos são os “caminhos para” orientar seu trabalho acadêmico para um saber sempre mais, para uma incorporação rica de informações. O método de abordagem desta pesquisa é o dedutivo é:

A argumentação que torna explícita verdades particulares contidas em verdades universais. O ponto de partida é o antecedente que afirma uma verdade universal, e o ponto de chegada é o conseqüente, que afirma uma verdade menos geral ou particular, contida implicitamente no primeiro (CERVO & BERVIAN, 1975, p. 55).

Estes caminhos metodológicos que nortearam a pesquisa foram de imprescindível importância para que mesma tenha validade e possa ser aproveitada por quem venha a se interessar pelo assunto e pelos profissionais de educação e representantes das crianças /adolescentes.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS LEVANTADOS EM PARALELO COM A ANÁLISE DOS MESMOS

O trabalho de campo é a forma com a qual se busca investigar o objeto estudado, onde se busca a aproximação da realidade e ainda a criação de algo novo diante das descobertas. Demo (1991), mensura que o cientista, em sua tarefa de descobrir e criar necessita, num primeiro momento, questionar, e esse é o passo decisivo para partir para a elaboração, a criação da nova pesquisa “o trabalho de campo deve estar ligado a uma vontade e a identificação com o tema estudado, permitindo uma melhor realização da

pesquisa proposta”.

Vários são os obstáculos que podem dificultar ou mesmo inviabilizar esta etapa da pesquisa, quando não há disponibilidade por parte do entrevistado, isso pode ocorrer sob coerção, o que trará problemas a busca de respostas verdadeiras, o questionário da entrevista foi montado com o cuidado para não inibir e nem mesmo coagir os entrevistados. Nesta pesquisa foi utilizado o formulário para coleta de dados, este diferencia-se do questionário pois o entrevistador que preenche a ficha com as questões, e no questionário é o próprio entrevistado.

Os envolvidos nesta pesquisa foram “Nunes” (Conselho Tutelar), “Ivone”(Coordenador Pedagógico); Tomas (Professor); e “Antunes” (Policia); os mesmos responderam as 10 perguntas sobre o indisciplina, em um questionário semi-estruturado, como se segue:

Questão 01: A indisciplina contem uma bagagem sócio/cultural em seu desfecho, sendo assim, como você atribui o peso cultural na conduta indisciplinada ou disciplinada do aluno?

Nunes respondeu: *“Com certeza, a cultura tem muito a ver com a (in) disciplina”*

Ivone: *“Sim, com certeza”.*

Tomas: *“Sim, o peso cultural e social influi no comportamento do indivíduo de forma aleatória, pois a pessoa nasce e se desenvolve e quando isso ocorre ela passa a adquirir conhecimento de mundo, influenciando também na disciplina e na indisciplina do aluno”.*

Antunes: *“A cultura do indivíduo lhe favorece ou desfavorece em todas as ações que ele faz na sociedade, a indisciplina trás uma bagagem cultural em seu desfecho”.*

Os autores afirmam que a cultura do indivíduo traz a ele possibilidades distintas de interação e internalização social, sendo assim, tanto a disciplina como a indisciplina são apreendidas, e nesse contexto a família ganha destaque, já que os valores que são passados á seus descendentes irão influenciar em suas condutas. Todos os entrevistados concordam que a indisciplina é em grande parte relativa a cultura que este detem, como

percebemos em suas afirmações.

Questão 02: O fator econômico tem relação especial com a indisciplina, há indícios que alunos carentes ou abastados comentem maior indisciplina que os outros diferentes de sua classe social?

Nunes: *“Não, em ambos os casos há problemas deste porte, porém os que chegam ao Conselho Tutelar são apenas os casos de famílias pobres, as ricas escondem, não tornam público o fato do filho estar dando problema”*

Ivone: *“O fator econômico não tem relação com a indisciplina, pois a indisciplina é transgressão de algum tipo de regra, o que se faz necessário é ajudar a pessoa a aprender o valor das regras e isso independe de sua classe social”.*

Tomas: *“Depende, mas os alunos que possuem uma renda inferior, são estimulados a se comportarem diferente dos que possuem privilégios financeiramente falando, pois estes tem oportunidades e oportunidades, mas não necessariamente os que possuem renda maior, não são indisciplinados”.*

Antunes: *“Não, esse problema independe de classe social, todas são acometidas, mas é a classe pobre que leva a fama por aparecer mais”.*

Pelas respostas obtidas dos autores e dos entrevistados foi possível reconhecer que a desmistificação da pobreza como causadora de indisciplina já está avançada. Todos reconhecem que esta independe de classe social, porém os entrevistados oferecem um dado bastante valioso. “os pobres é que levam a fama”. Entende-se que a relação econômica não é necessariamente uma causa, pois todas as classes acometem indisciplina.

Questão 03: A política governamental pode contribuir para equalizar o problema? Como?

Nunes: *“Sim, mas não há interesse por parte dela, deixa muito a desejar, não oferecem condições para que o Conselho faça um trabalho adequado, inclusive vêem o Conselho como um problema, um gasto a mais no município”.*

Ivone: *“Sim, a partir do momento em que as regras sejam estabelecidas e seguidas por todo”.*

Tomas: *“Sim a política Governamental pode resolver em partes esse problema delegando mais autoridades aos profissionais do conhecimento e revendo o Sistema Educacional, claro que atendendo as necessidades das instituições de ensino e exigindo comprometimento em relação a todos os envolvidos no*

processo educacional”.

Antunes: “A política manipula as situações de acordo com seu interesse para ela o caos da escola é lucro, povo acrítico não sabe votar, nem lutar contra as forças que os mantém em condições desiguais, então pouco faz para enfrentar o problema, finge não ver e a bomba fica nas mãos da escola, da família, do Conselho Tutelar e da Polícia”.

Os autores apontam para a implementação de Políticas voltadas para a gestão democrática e participativa coma intenção de obter a educação ideal para o exercício da cidadania, as questões educacionais não estariam sendo pautadas e elaboradas somente através das decisões do Estado, mas também através da contribuição de toda sociedade, a começar pela família, para enfim alcançarmos qualidade no ensino e na aprendizagem.

De acordo com os entrevistados, a política governamental poderia se quisesse estabelecer vínculos com a escola no enfrentamento do problema, mas de acordo com eles não há interesse, “o caos da escola é lucro” afirmou Antunes.

Questão 04: Quais são as instituições que julga fundamental para auxiliar o indivíduo em condutas disciplinares?

Nunes: *“-Igreja; -Família; -Governo”*

Ivone: *“A principal instituição da sociedade é a família”.*

Tomas: *“Todos, mas principalmente a família, pois o indivíduo nasce dela e se desenvolve dentro dela, aprendendo as primeiras palavras e vendo as ações que seus pais lhes mostram, por isso é fundamental na formação ou na pré-formação do caráter do indivíduo , somente depois disso é que começa a se interagir com o mundo social”.*

Antunes: *“Trata-se de um quadrilátero: Família, escola, polícia e comunidade, se estes setores se fortificarem e se unirem o enfrentamento contra a violência, a indisciplina, as drogas serão bem sucedidos, do contrário, temos forças desunidas e pouco podemos fazer”.*

Conforme afirma Vasconcellos *apud* Costa e Silva (1997), há cinco grades níveis: sociedade, família, escola, professor e aluno, porém analisemos apenas algumas desses níveis, com a consciência de que não

representam maior importância que as outras, mas apenas uma delimitação necessária à estrutura do trabalho.

Os entrevistados apontaram entre as principais a família, mas Vasconcellos aponta para cinco grupos como vimos acima, elencar apenas um seria injusto, já que vivemos em sociedade onde cada setor deve tornar-se responsável pelo processo de educação do indivíduo.

Questão 05: A família tem que papel na conduta da criança/adolescente?

Nunes: *“A família é o ponto chave da conduta da criança, seu apoio e estrutura é fundamental para uma criança/adolescente. Quando os pais são separados, a criança fica sem saber para onde ir, muitos avós, tios ficam com a responsabilidade da criança e isso gera um conflito muito grande e ela manifesta de alguma forma na escola”.*

Ivone: *“A família tem o papel de suma importância na conduta da criança, adolescente, pois é ela que forma o alicerce para uma conduta coerente, correta e respeitadora de valores”.*

Tomas: *“A família deveria ter o papel de formar uma pessoa para ser inserida na vida social, porém nem sempre ocorre, uma boa parte ou a maioria dela, não sabe conduzir ou mesmo acompanhar uma criança nos seus 9 ou 10 anos até que comece a lhe dar problemas, com isso se tornam sem limites”.*

Antunes: *“ A família tem o papel de transmitir valores morais e éticos, bem como dar amor, atenção, tempo a seus filhos, ensinar uma religião, mostrar o caminho correto e acompanhar o filho em todas as etapas de seu desenvolvimento, cabe a ela zelar pelo bem estar da criança físico e psicológico, na família a criança deve se sentir protegida e amada, crianças que recebem esse tratamento da família raramente ou mesmo nunca dão problemas sérios na sociedade”.*

Os autores colocam que a inferência familiar retrata o comportamento do filho/aluno, quanto mais equilibrada for a relação, melhor apresenta o desempenho do filho/aluno. (REGO 1996, p.98). Nisso estão de acordo os entrevistados que julgam a família como um porto seguro e um local de aprendizagem as coisas essenciais da vida.

Questão 06: O professor tem desempenhado seu papel de educadores ou em sua opinião se atem mais as questões do conhecimento?

Nunes : *“Muitos professores são conteúdistas, parecem não perceber que os tempos mudaram e com ele uma nova necessidade de ensino, a formação*

docente deveria preparar para isso”.

Ivone: *“Alguns professores são realmente verdadeiros educadores, outras são apenas transmissoras de conhecimento”.*

Tomas: *“A questão de ser ou não ser professor é relativa, acredito que ser e desempenhar um papel são coisas diferentes, ser na verdade é uma questão de gostar do que faz desempenhar é na verdade “ser” mas nesse caso um ator e as escolas não precisam de atores, mas sim de condutores de conhecimento”.*

Antunes: *“Os professores estão carregando uma carga muito grande, é pressão da família que anda achando que a escola é que tem que educar seus filhos, é a escola que cobra qualidade no conteúdo, são os alunos que não se importam com o seu trabalho e desvalorizam sua profissão, também a falta de tempo, já que devido ao seu salário muitas vezes ele faz jornada tripla. Enfim, o professor de hoje anda sobrecarregado e desmotivado em sua profissão, muitas vezes nem para pensar em sua força educadora, e passa a ser um produtor de ideologias dominantes”.*

Freire menciona que “o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.” (FREIRE, 1996, p.73).

Os entrevistados entendem que não se pode generalizar, existem vários tipos de professores, porém a relação entre ele e os alunos é fundamental para a superação da indisciplina, entrando desta forma em ajuste com a fala de Freire.

Questão 07: As relações tecidas entre equipe pedagógica, conselho tutelar e polícia ajudam no problema da indisciplina? Como esta relação ocorre?

Nunes: *“Sim a união do Colégio, Conselho Tutelar e Família ajuda bastante, sempre há algo novo para buscar na tentativa de ajudar a criança/adolescente, não se deve desistir nunca, é preciso esgotar as possibilidades”.*

Ivone: *“Sim uma relação afinada entre equipe pedagógica e Conselho Escolar e polícia tornam-se capazes de solucionar a maioria dos problemas de indisciplina na Escola, porém infelizmente a maioria dos membros que fazem parte desse órgão não sabe realmente qual é a sua função e ficam apenas como membros representativos.”.*

Tomas: *"Eu acredito que a ajuda ou a junção dos departamentos da escola não funcionam como deveriam, por razões meramente insignificantes porque eles também estão de mãos atadas em relação à "n" problemas que os mesmos não podem resolver e assim fazem com que vivamos em uma bola de neve no qual ultrapassa quem vier a segura-la".*

Antunes: *"A relação entre estas instituições andam mal, cada uma joga para o outro a responsabilidade e sem essa parceria, o crime, a violência, e a indisciplina aumentam pois sabem que a impunidade é certa".*

A concepção de violência varia muito, então saber o que é um ato de indisciplina e um ato criminoso às vezes foge ao nosso controle. Quando a escola chama a polícia é por que indica que o aluno praticou um ato criminoso, então é preciso ver a fronteira entre uma e outra para não cometer erros que com certeza causarão danos aos envolvidos. Outro fato grave é a discriminação social, para pobre a lei parece ser diferente à lei do rico, o que indica discriminação.

Questão 08: O psicológico do aluno é um dos fatores principais que contribuem para que ocorra indisciplina ou seriam os fatores sócio interativos?

Nunes: *"A maioria dos casos são de origem da interação social, os casos psíquicos são bem poucos, há alguns que parecem nascer "ruim" voltados para o crime, aí não tem conserto, temos um caso que acompanhamos desde a Educação /infantil, e hoje com dezoito anos esta preso, desse tipo de gente não há muito que fazer".*

Ivone: *"Os fatores sociointerativos muito contribuem para a disciplina ou indisciplina dos alunos".*

Tomas: *"O psicológico é um dos fatores, pois existem vários, somos pessoas e diferentemente uma das outras, por isso existem os problemas, se não haveria".*

Antunes: *"Sociointerativos, as amizades influenciam muito, também tomam como modelo alguns personagens da tv, e tudo isso influencia em sua conduta, é difícil quem tem más companhias não se envolver, as gangues são bons exemplos para isso, eles mudam, ficam outros quando estão em bandos".*

Para responder a essa questão, Vygostky *apud* (AQUINO, 1996, p.94), fala da abordagem sóciointeracionista, onde o desenvolvimento do

indivíduo é mediado pelo outro (entendido como outras pessoas do grupo social). E explica que é por intermédio destas relações que os membros imaturos vão se formando, “de modo ativo, dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura, enfim do patrimônio da história da humanidade e de seu grupo cultural (AQUINO, 1996, p.94).

Desta forma a fala dos entrevistados se identificam a de Vygotsky na certeza de que o meio influencia no desenvolvimento do indivíduo.

CONCLUSÃO

Na pesquisa teórica foi possível averiguar como a indisciplina toma proporções abrangentes, e que são vários os fatores que a acometem. Costa traz os agentes que compõem o quadro da indisciplina e com ele é possível verificar que as ações de enfrentamento precisam ser conjuntas, pois os fatores variam desde questões pessoais até as que dizem respeito ao conjunto social. Principalmente a família é tratada como grande responsável pela boa ou má formação dos filhos, onde os pais que não encontram equilíbrio entre a permissividade e o autoritarismo tendem a causar revoltas e desajustes nos comportamentos dos filhos e a questão da falta de limite é um dos entraves maiores.

Paulo Freire, em seu livro, *Pedagogia da Autonomia*, também fala do caráter, das relações tanto nas experiências sociais, através da comunicação, dos ideais, da frustração e do amor, que precisam ser desenvolvidos junto à prática educativa, afirma que o educador precisa conhecer o cotidiano do aluno, porque, segundo ele, é nessa realidade que o aluno desenvolve seus instintos e desabrocha a indisciplina. Para Freire, ensinar não é transferência de conhecimentos e sim, “é construção”. O educador não pode esquecer que o aluno é um ser humano inacabado, e só a partir dessa visão que ele irá entender que o aluno precisa se desenvolver num ambiente de liberdade e voltado para sua emancipação.

Na entrevista com os profissionais: professor; conselho tutelar,

coordenação pedagógica e polícia, foi possível perceber que existe uma afinação do modo de pensar entre ambos, mas que não se sentem responsáveis pelo problema, é algo exterior, que outros devem se incumbir de realizar, em momento algum houve uma aproximação das idéias no sentido de realizar ações conjuntas, é como se soubessem “o que” fazer, mas não “como” fazer.

Buscar culpados já não faz a diferença, é preciso buscar aliados para que o problema da indisciplina seja enfrentado com coerência e coragem, pois deste modo teremos uma educação voltada para os problemas do povo, para os interesses da maioria e assim, o próprio aluno possa compreender que seu comportamento não deve ser manipulado, e sim realizado com consciência da importância do papel que exerce na sociedade.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa.(org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas.** 12 ed. São Paulo: Summus, 1996.

_____. Julio Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente.** Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/1987.

BELLO, José Luiz de Paiva. **Pedagogia foco/ Metodologia Científica: O Projeto da Pesquisa.** Rio de Janeiro, 2004.

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de. (org). **Construindo o saber – metodologia científica: fundamentos e técnicas.** 11. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica para uso dos estudantes universitários.** São Paulo: McGraw – Hill do Brasil LTDA, 1975.

✕ COSTA, Célia; SILVA, Itamar. A (in) disciplina: questão da escola ou da sociedade? In: **Revista de Educação AEC Disciplina e Liberdade**. Ano 26 nº 103 –Abr/jun, Associação de Educação Católica do Brasil. Brasília, 1997.

DEMO, Pedro. **Introdução a metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREURI, Reinaldo Matias. **Educar para quê?** Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Áurea M. Indisciplina e violência: ambigüidade dos conflitos na escola". In: AQUINO, J.G. (org.). **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996, pp. 73-82.

GIKOVATE, Flávio. **A arte de educar**. Curitiba: Nova Didática, 2001.

LOPES, Zeferino. **Os pais têm todo o direito de exigir professores competentes**. Disponível em: <
<http://educar.wordpress.com/2009/07/14/opinioes-zeferino-lopes/>> Acesso em 07/01/1010.

MAGALHÃES, O. **A causa das coisas: Indisciplina e Escola**. São Paulo: Aprender, 1989.

MENDES, F. **A indisciplina em aulas de educação física no 6º ano de escolaridade – Contribuindo para o estudo dos comportamentos de indisciplina do aluno e análise dos procedimentos de controle utilizados pelo professor**. Tese de doutoramento da faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física. Universidade do Porto, 1995.

MESQUITA, Maria Elenice de Souza. Poder e disciplina na visão de Michel Foucault. In: **Revista de Educação**. n.103 abr/jun:AEC do Brasil, 1997.

MORAES, Luiz Antônio, uso e abuso do telefone na sala de aula: marcas sem uma pedagogia de fronteiras. In: **Anais do 3º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação**. Canoas: ULBRA, 2008.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo _Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

✕ REGO, Teresa Cristina R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa.(org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 12 ed. São Paulo: Summus, 1996.

PARO, Vitor Henrique. **A Gestão democrática da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

WERNECK, Hamilton. *Pulso forte e coração que ama: A indisciplina tem jeito.*

Ed. DP&A.

Rio de Janeiro. 2005.

SZYMANSKI, H. **Práticas Educativas familiares e o sentido da constituição identitária.** Paidéia - Ribeirão Preto, v. 16, p. 81-90, 2006.